

quando o homem se tornar humano, senhor de seu próprio destino. Utopia? A dimensão maior da História sempre foi a de uma Utopia.

*

Poeta de expressão forte e fácil, Roberto Pontes transmite em *Lições de Espaço* a mais vasta mensagem de humanismo da poesia cearense contemporânea e, mesmo, da poesia brasileira.

O livro está aí, circulando restritamente e quase anônimo em edição do autor. E porque, com toda certeza, acrescentará uma parcela ao nosso pequeno patrimônio poético, ele já nasceu exigindo uma edição nacional.²

(Este texto aparece aqui em sua terceira redação: nas duas últimas (a segunda para incorporação como prefácio ao poema), agradeço a colaboração do próprio poeta, pelos muitos diálogos que ajudaram no esclarecimento de algumas passagens).

O DEPURADO DISCURSO DE MEMÓRIA CORPORAL

LUIZ F. PAPI

Quando o amor faz dos amantes os "animais enternecidos" de que nos fala o poeta cearense Roberto Pontes em *Memória Corporal*, esse achado elide a conotação antitética que em outro contexto estaria evidente. E isto ocorre simplesmente porque o amor, tal como o poeta o concebe e revitaliza literariamente, confere ao homem, enquanto bicho-amante, a mais completa e diversificada dimensão humanista. A depuradíssima imagem do enternecimento do animal-homem - uma entre muitas mais - como que sintetiza em seu despojamento o calidoscópio metafórico de um discurso amoroso que dispensa, por desnecessários, os suportes da veemência usual e convencional dos poemas de amor. O reparo não equivale a repúdio aos que sabem exercitar a veemência de seus arroubos, mas não resta dúvida de que a ruptura aqui assinalada se opera em proveito de uma expressividade de elegância substantiva e sóbria. E não se trata de mera contenção verbal, já que o poeta assume o risco de fazer sua *Memória Corporal* fluir em liberdade, dentro dos condutos líricos que armou para "esta reflexão amadurecida e vivenciada sobre o amor", conforme escreve Carlos d'Alge nas abas da capa deste livro primorosamente ilustrado por Ana e Paulo Brandão.

O valor do texto de Roberto Pontes está realmente na força da palavra, na versátil inventiva e na amplitude dada ao velho tema. Sente-se, por exemplo, o pulsar do poema nesta confissão do poeta: "Quando me afoguei na região das termas bebi da mais profunda natureza. Mas o panteísmo não é o limite da am-

plitude do projeto poético do autor. Ele vai mais longe na escalada lírica e tece - ainda segundo Carlos d'Alge - "um canto geral de integração e de ternura, de paz e realização humana". Tanto quanto a música, como queria Shakespeare, Roberto Pontes quer também a poesia como alimento do amor. E esse alimento ele o distribui sem apelar para a linguagem hiperbólica tão cara aos amantes. Curiosamente até, em certos passos de *Memória Corporal* o amor se nutre de poesia numa atmosfera de forte realismo imagístico, como no poema "Faltando leite, faltando pão". Daí não ser "excessivo afirmar - com Lúcia Helena no prefácio-ensaio intitulado *Sutil tecido de sal e concha* - que a personagem central deste texto *desejante* é Eros, captado em todos os seus poros e latências".

Roberto Pontes iniciou-se na literatura nos anos 60 através do Grupo SIN (de sincretismo) e teve seu primeiro livro de poesia, *Contracanto*, publicado em Fortaleza pela Edições SIN, em 1968. O Grupo SIN, fundado por ele, Pedro Lyra, Horácio Didimo, Linhares Filho e Rogério Bessa, desfez-se em 1969, porém marcou sua efêmera presença com a publicação de uma *Sinantologia*, reunindo aqueles poetas e alguns outros que haviam aderido ao movimento, cuja meta era a renovação das letras cearenses.

Em 1970 Roberto Pontes teve editado pela Imprensa Universitária do Ceará o volume *Lições de Espaço - Teletipos, Módulo e Quânticas*, um poema longo que naquele ano conquistou o Prêmio Universidade Federal do Ceará. Ainda em 1970 o poeta publica o ensaio *Vanguarda-Brasileira: Introdução e Tese*, com que obtém o Prêmio Esso-Jornal de Letras, e no ano seguinte ganha em Brasília o Prêmio Fundação Nacional dos Garimpeiros com o poema *Garimpo*.

A VERDADE DO CORPO

CARLOS d'ALGE

Os quarenta e cinco poemas que compõem esta *Memória Corporal*, de Roberto Pontes, foram elaborados ao longo do tempo e da experiência do poeta que, já em seu livro anterior, *Lições de Espaço*, nos dava uma medida do seu pensar e fazer poéticos.

Memória Corporal é uma reflexão amadurecida e vivenciada sobre o amor. A descoberta do corpo e a sua linguagem específica são o *leit-motiv* do texto poético.

A memória percorre os vários caminhos do corpo amado, do conhecimento e das primeiras descobertas, numa travessia que se quer calma, lenta e integral. Até o dar-se em plenitude há muito a percorrer. Cada sinal sugere um novo símbolo, cada toque um ato de recriação, à espera da libertação final.

Todavia não é somente o corpo e o ato do amor que constituem o cerne dos poemas. A libertação se faz pelo amor e pela participação num universo isento